

Análise da comunicação da informação contábil: uma perspectiva na visão de contadores

Breno Portella de Andrade Bohry
bp.bohry@gmail.com
UNASP-EC

Waggnor Macieira Kettle
waggnor.kettle@unasp.edu.br
UNASP-EC

Luís Fernando da Rocha
luis.rocha@unasp.edu.br
UNASP-EC

Resumo: Desde os primórdios da civilização, a Contabilidade, mesmo que de maneira primitiva, já vinha exercendo seu papel. Conforme a humanidade desenvolvia-se, o grau da complexidade dos seus negócios aumentava e assim, a Ciência Contábil também se aprimora como ferramenta para gerir riquezas. Com base na compreensão de que a função principal da Contabilidade é identificar, mensurar e comunicar informações destinadas a auxiliar a tomada de decisões econômicas, é notório que a informação é elemento indispensável em qualquer processo decisório. Este artigo tem como objetivo identificar o efeito de uma boa relação comunicativa entre contador e gestor, partindo da teoria de Michel Henry, a fenomenologia da vida. Para fundamentar a pesquisa, optou-se pela pesquisa bibliográfica, visando revisar o que se tem escrito e publicado sobre o assunto. Ademais, a pesquisa se reveste de abordagem qualitativa, por meio da realização de uma entrevista com dois profissionais da área contábil, a intenção da pesquisa era verificar e analisar as experiências comunicativas na área contábil deles. Por meio do artigo verificou-se que existe atrelada a contabilidade a necessidade de comunicação de boa qualidade, já que uma das funções da contabilidade é a comunicação dos fatos econômico-financeiros, esta que só cumpre sua função quando há compreensão pela parte do receptor a respeito da informação transmitida pelo transmissor. Após verificar se a abordagem fenomenológica era factível e eficaz, constatou-se que sim. O entendimento a respeito do receptor da mensagem, entendimento de como ele assimila o conhecimento e quais são as melhores abordagens para ele, provou-se essencial para um bom funcionamento do processo contábil. Constatou-se que o efeito de uma comunicação qualificada,

acessível e humana na relação entre contador e tomador de decisão é a eficácia do processo comunicativo, minimizando as dúvidas e incrementando a velocidade da compreensão da informação por parte do receptor.

Palavras Chave: Comunicação Contábil - Informação Contábil - Fenomenologia - -

1. INTRODUÇÃO

É concebível que a noção de conta e, portanto, de Contabilidade seja, quem sabe, bastante antiga. Alguns historiadores comentam que os primeiros sinais concretos da existência de contas sejam de aproximadamente 2.000 anos a.C. Porém, antes disso, o homem primitivo, ao listar a quantidade de instrumentos de caça disponíveis, ao enumerar seus rebanhos, já estava praticando uma forma primitiva de Contabilidade. É perceptível que a Contabilidade teve um desenvolvimento relativamente lento até o surgimento da moeda (IUDÍCIBUS, 2015).

Contudo, a preocupação com as posses e a riqueza é uma constante no homem da antiguidade (como hoje também o é), e ele teve de ir evoluindo seu instrumento de avaliação da situação patrimonial à medida que as atividades foram desenvolvendo-se em proporção e complexidade. A Contabilidade teve seu florescer, como uma área do saber madura e concluída, nas cidades italianas de Veneza, Gênova, Florença e outras. Estas cidades surgiram da atividade mercantil, econômica e cultural a partir do século XIII até o começo do século XVII. Essa mercantilização deu início ao desenvolvimento do pensamento contábil como ciência, ciência esta que se desenvolveu e tornou-se o que se conhece hoje por Ciência Contábil (IUDÍCIBUS, 2015).

Com base na compreensão de que a função principal da Contabilidade é identificar, mensurar e comunicar informações destinadas a auxiliar a tomada de decisões econômicas, (Dias, 2000), é notório que a informação é elemento indispensável em qualquer processo decisório. Quando se trata de economia, por exemplo, espera-se que a informação contribua para permitir a melhor alocação de recursos planejando à aprimoração de resultados. Nesse sentido, seu propósito é agregar valor às decisões de forma que reduza a distância entre os resultados programados e os desempenhados (NAKAGAWA & DIAS, 2012).

No caso das informações contábeis, considera-se que seu propósito central é auxiliar nas decisões de investimentos, créditos e outras afins. Sob essa perspectiva, os agentes que recorrem a informações desse caráter o fazem pretendendo encontrar nelas evidências que lhes permitam avaliar riscos, prever fluxos de caixas, planejar operações futuras dentre outras atividades. Esta tem sido a compreensão dominante quanto aos objetivos básicos da Contabilidade. Com isso, fundamenta-se a ideia de que a Contabilidade é um tipo de linguagem, que serve para ligar o mundo empresarial com diversos elementos, tais como fornecedores, governo, acionistas, clientes e outros. Em teoria, todos pretendem conhecer, avaliar e interagir com a empresa de forma eficiente (DIAS & NAKAGAWA, 2001).

Por conta da Contabilidade estar introduzida na sociedade, é relevante que o contador tenha conhecimento da sua importância. De acordo com Coelho e Lins (2010), qualquer escolha errada pode afetar diretamente a sociedade, visto que poderá acarretar prejuízos às pessoas, como a perda de um emprego para um funcionário daquela empresa, um retorno baixo, ou até mesmo a ausência de retorno, para aqueles que investiram recursos ou concederam créditos a esta entidade. Por conseguinte, o profissional contábil deve empregar conhecimentos específicos, contudo deve se atentar com as áreas relacionadas, isto é, com aquelas que possam eventualmente causar variações no patrimônio da organização (SÁ, 2010).

Expor as informações contábeis para os usuários é algo natural da profissão contábil. Porém essa exposição meramente como obrigação profissional, pode ser considerada algo prejudicial. Conforme menciona Meira (2014), fazer da ciência a sua própria causa transfigura o ser humano a um ser dissociado de si. Henry (2012) critica a redução da vida humana a meros dados que não trazem valor algum a quem os consome.

Ao unir os pensamentos de Meira (2014) e Henry (2012) ao conceito apresentado por Sá (2010), de que as áreas relacionadas à empresa podem causar eventuais variações de patrimônio, é possível concluir que preocupar-se com os seres-humanos por trás dessa organização é também atender-se às áreas relacionadas ao patrimônio, já que essas pessoas são peças-chave para o bom exercício da entidade.

Um modelo básico de comunicação, segundo Nakagawa e Dias (2001) é o seguinte: Uma fonte de informação, que produz uma mensagem; Um transmissor, que trabalha a mensagem para ser transmitida por meio de um canal; O canal, que é utilizado para transmitir a mensagem por meio de um sinal; O receptor, que reconstrói a mensagem do transmissor a partir do sinal; O destino, que é para quem a mensagem é dirigida.

Portanto, conforme a contextualização realizada, percebe-se a presença de uma relação, acima de tudo humana, entre o transmissor de informação (contador) e o receptor da informação (o tomador de decisão), elaborou-se a seguinte questão: **Quais são os efeitos de uma comunicação qualificada, acessível e humana entre o contador e o gestor, tomador de decisão, na perspectiva do contador?** Investigação essa a ser realizada por meio de reflexão filosófica/sociológica embasada na teoria da comunicação e na filosofia de Michel Henry.

Objetiva-se identificar o efeito de uma boa relação comunicativa entre contador e gestor, partindo da teoria de Michel Henry, a fenomenologia da vida.

A justificativa desta pesquisa se dá à medida que Nakagawa e Dias (2001) afirmam que a comunicação é ingrediente indispensável para a realização das funções intrínsecas à Contabilidade, os autores evidenciam os agentes dessa relação, os quais são: o transmissor da informação (contador) e receptor da informação (tomador de decisão). Com isso, é notório que a Contabilidade envolve relações humanas. Logo, quando Meira (2014) afirma que é um problema fazer a ciência ser a sua própria causa, tem-se uma relação falha, que ela apresenta usando como exemplo o sistema de saúde, no qual estuda-se e trata-se doenças e não doentes. Portanto, em uma Contabilidade que não percebe o outro, o tomador de decisões e suas necessidades, é como tratar doenças e não doentes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TEORIA DA MENSURAÇÃO

Desde sua forma mais primitiva, a Contabilidade dispõe-se a abastecer os usuários com informações, para sempre manter o tomador de decisões o mais ciente possível. Para conseguir tal relevância, a Ciência expandiu-se até definir os processos necessários para melhor atender sua necessidade. Todo esse desenvolvimento da Contabilidade culminou em uma metodologia com quatro etapas: identificação, mensuração, registro e comunicação de informações. Isto sempre garantiu aos seus utentes embasamento para seus julgamentos e decisões (ALMEIDA & EL HAJJ, 1997).

Pode-se comparar a mensuração como uma “lente”, através da qual o gestor vê a realidade organizacional. Como qualquer “lente”, a mensuração pode aumentar, reduzir ou distorcer a imagem que o gestor tem da realidade. Assim, o problema central é estabelecer a “lente” que melhor auxilie o gestor no atendimento dos objetivos da organização. Ao se falar em mensuração lembra-se exatamente o que se pretende representar. Mensurar, em Contabilidade, é traduzir monetariamente o valor econômico dos objetos e eventos (ALMEIDA & EL HAJJ, 1997, p. 1).

Não é distinta a ideia de que a mensuração, conforme Almeida e El Hajj (1997) fizeram menção, seja parte crucial da atividade contábil. Ao utilizar-se da definição citada

anteriormente, é nítido o valor de uma mensuração longe de distorções e ruídos, sendo papel do contador realizar tal feito com a precisão necessária. Porém, mensurar proporciona uma resposta em números, e tais números passam uma ideia de exatidão, logo é comum pensar que existe uma veracidade irrefutável por trás deles.

Partindo então da concepção que a mensuração, por estar lidando com números é, portanto, exata, encontra-se uma ressalva, pois além de números, a mensuração possui métodos. Conforme Martins, Araújo e Niyama (2011): Dizer que 40° Fahrenheit são o dobro de 20° Celsius é completamente errado, pois trata-se de duas diferentes escalas de mensuração de calor. Assim, portanto, no campo da Contabilidade, dizer que um estoque avaliado em R\$ 10.000,00, pelo critério do custo histórico, seja obrigatoriamente o dobro de um estoque avaliado por R\$ 5.000,00, pelo critério do valor realizável líquido, é passível de erro. Ou seja, a mensuração não depende apenas de números, como também da escolha de uma escala.

A mensuração possui atributos básicos que, sem eles, o valor encontrado perde sua validade. Esses atributos são: Objetividade, ela não pode ter rodeios e distrações; Confiabilidade, ela deve funcionar conforme o esperado; Oportunidade, se a informação não for oportuna, ela pode acabar perdendo sua utilidade; Precisão, o resultado deve ter o menor grau de variação possível; Exatidão, ela deve expressar valores reais; Acurácia, a informação deve ter chances mínimas de se distanciar da realidade (ALMEIDA & EL HAJJ, 1997).

Contudo, a presença destes atributos básicos da mensuração não anula a presença da subjetividade do mensurador, já que o ato de mensurar é realizado por um alguém e este não é desprovido de pensamento, pois se o fosse, não poderia estar mensurando. Logo, o pensamento do mensurador possui em si parcialidade, sendo assim impossível mensurar algo livre de parcialidade.

2.2 INFORMAÇÃO CONTÁBIL

A Contabilidade provém da relação entre: a captação e processamento de fatos econômico-financeiros que afetam o patrimônio das organizações, e a comunicação desses fatos aos usuários interessados. Para alcançar seu objetivo de maneira eficiente, todo o processo contábil, que tem início na ocasião do fato econômico-financeiro e seu fim no entendimento dos reflexos deste fato, necessita ser pensado e planejado criticamente (MESSIAS & WALTER, 2018).

Para garantir a qualidade da informação contábil, perguntas como: Que tipo de fato ocorreu? Como mensurá-lo? A quem interessa? Como e quando transmitir? Devem ser feitas, uma vez que a Contabilidade só cumpre seu papel quando o destinatário compreende efetivamente a informação passada (Messias & Walter, 2018). Portanto, a importância do tratamento da informação contábil fica demonstrada, dessa maneira se não há o entendimento da informação transmitida por parte do destinatário, a Contabilidade não cumpriu seu papel.

Uma informação contábil para ser considerada útil necessita de algumas qualidades. As características qualitativas da informação são divididas em dois grupos: qualidades específicas a usuários e qualidades específicas a decisões. O primeiro grupo diz respeito ao perfil do usuário, por exemplo, uma informação pode ser considerada irrelevante por um usuário mais sofisticado pois já está ciente dela, porém um usuário considerado mais novato pode classificá-la como relevante, logo que não tinha esse conhecimento. A natureza do usuário é uma condição definitiva para a decisão a respeito da informação a ser divulgada, a compreensibilidade é considerada uma qualidade específica ao usuário (HENDRIKSEN & VAN BREDA, 2010).

Não obstante, uma característica como a oportunidade da informação não depende dos usuários, já que todos eles desejam informações oportunas. Assim como todos também desejam

que as informações fornecidas a eles também sejam confiáveis, neutras, relevantes, fiéis à sua representação, comparáveis e materiais (HENDRIKSEN & VAN BREDA, 2010).

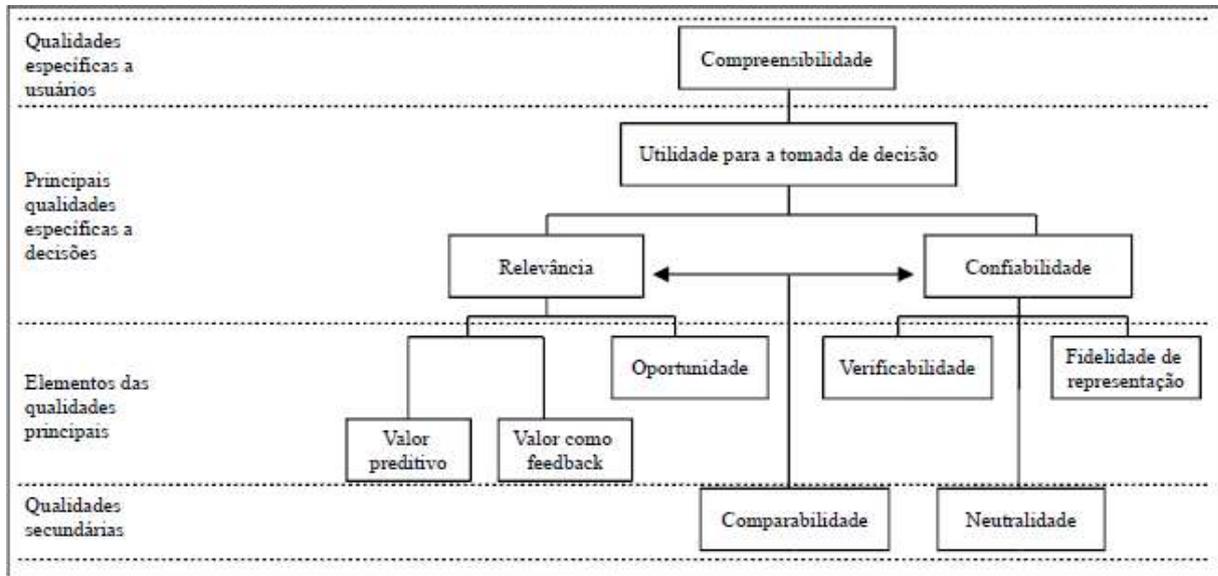


Figura 1: Hierarquia das qualidades da informação contábil

Fonte: Messias & Walter, (2018).

Fica evidente na Figura 1 a hierarquia existente nas qualidades da informação. Mesmo que a informação seja oportuna e fidedigna, caso o usuário não a compreenda, seu reflexo é nulo, portanto, a compreensibilidade é a qualidade mais alta na hierarquia, pois sem ela a informação perde sua função. Em seguida encontram-se as características determinantes para a qualidade da informação, pois também de nada adianta ela ser compreensível e irreal ou inoportuna. A relevância e a confiabilidade são características consideradas primárias, já que sem elas não existem informações úteis. Já a comparabilidade e neutralidade são características secundárias, pois elas incrementam a informação.

2.3 TEORIA DA COMUNICAÇÃO

A comunicação é o fio que conduz todas as relações humanas. Nada ocorre sem que exista uma comunicação prévia. Comunicar bem não é só transmitir ou receber uma informação com exatidão. Comunicação é a troca de entendimento e sentimento, e ninguém é capaz de entender outra pessoa se não considerar além das palavras, as emoções e a situação em que fazemos tornar comum o entendimento (MATOS, 2009).

Matos (2009) declara a diferença entre informação e comunicação. Segundo o autor: Informação é quando um emissor transmite um conjunto de dados codificados para o receptor, dados esses que eliminam dúvidas e indefinições do receptor, ou seja, a informação pressupõe que exista a figura de um emissor, uma mensagem e um receptor. A comunicação somente ocorre quando a informação recebida pelo receptor é compreendida e interpretada e encaminhada de volta ao emissor. Esse retorno é caracterizado de *feedback*, algo que confirme que o receptor entendeu a mensagem transmitida.

Como em qualquer outra área do conhecimento a Contabilidade também precisa de compreensibilidade. Dias (2000) expõe que o emissor também está sujeito a problemas de compreensão da linguagem, já que os eventos econômicos carecem de uma interpretação prévia antes de serem comunicados. Uma eventual limitação do contador não pode ser ignorada, sendo

necessário identificá-la e saná-la, já que caso o próprio emissor não compreenda a informação, como ele poderá convencer o destinatário de que aquela mensagem está correta.

Sempre que é questionada a função da Contabilidade, o ato de comunicar as informações contábeis é salientado. A evidenciação contábil não é somente uma função da Contabilidade, mas como também é o meio por onde ela cumpre seu papel. Ou seja, a comunicação é imprescindível na rotina contábil. Portanto, a Ciência Contábil sem a exposição das informações para o usuário pode ser considerada obsoleta, porque do que vale elaborar relatórios completos se estes nem mesmo serão compreendidos pelo tomador de decisões.

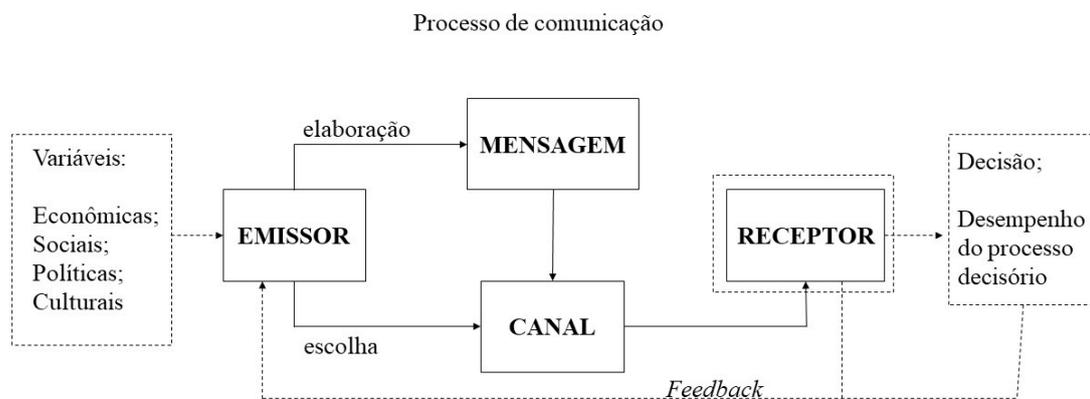


Figura 2: Processo de comunicação contábil
Fonte: elaborado pelos autores

Em um sistema contábil, os elementos do modelo básico de comunicação podem ser visualizados da seguinte forma: os eventos econômicos são a fonte básica de informação; o contador é o transmissor, interpretando os eventos e codificando-os para transmitir por meio de relatórios e demonstrações contábeis, que por sua vez, são o canal básico desse tipo de comunicação. Por fim, a mensagem é recebida, decodificada e interpretada pelo receptor, que nesse caso é o gestor ou tomador de decisão, figurando como destinatário final (NAKAGAWA & DIAS, 2001).

Por fim, o pensamento de Carvalho e Nakagawa (2001) sobre a comunicação é o seguinte: “A comunicação contábil deve ser expressa numa linguagem acessível aos seus usuários. Qualquer falha na comunicação pode ocasionar prejuízos afetando o desenvolvimento da organização. É importante que as Demonstrações Contábeis sejam elucidativas não se restringindo à apresentação de informações”.

2.4 FENOMENOLOGIA

Definir em conceito o que é a fenomenologia não é tarefa fácil, e muito menos, pequena. Conforme Japiassú e Marcondes (2001) entende-se que: a fenomenologia é o estudo dos fenômenos que se apresentam à nossa experiência. Ou seja, a fenomenologia estuda os fenômenos, estuda tudo aquilo que se manifesta, com base na intencionalidade do observador.

Empregar a fenomenologia ao estudo dos fatos no âmbito das ciências exatas e físicas é também um trabalho árduo, pois por definição, a fenomenologia encontra sua adequada aplicação no entendimento dos fatos do “espírito”. Por um lado, a aplicabilidade da fenomenologia ao estudo dos fatos, eventos, situações e processos que caracterizam a área contábil é tarefa “insensata”, pelo menos ao que parece; de qualquer forma inusitada e de difícil justificativa epistemológica (CARVALHO & NAKAGAWA, 2001).

Por outro lado, a figura humana é uma variável relevante e inerente nas organizações e nos processos que constituem a ação contábil. A contabilidade ocupa, desde a antiguidade, um lugar de destaque nas ações do governo, regulador de interesses tanto entre indivíduos quanto entre grupos e nações. A causa deste fator humano como variável importante à contabilidade, passa ser uma região do espírito que interessa a fenomenologia (CARVALHO & NAKAGAWA, 2001).

A variável humana está presente em algumas práticas contábeis como, na identificação, na mensuração e na comunicação das informações obtidas por exemplo. Estas práticas estão sempre sujeitas à subjetividade humana, ou seja, sujeita às culturas das partes envolvidas. Segundo Fuji e Slomski (2003), não é tarefa fácil conseguir separar completamente a medida da mensuração, ou seja, as crenças e valores do mensurador podem refletir em uma avaliação subjetiva com viés pessoal. Em suma, assim como a beleza, o valor está nos olhos de quem julga.

Na fenomenologia a intencionalidade ou referência intencional da consciência do pesquisador é tida como fato primário e irreduzível e apresentada como direção do fluxo da consciência, refletida em uma vivência intencional que se concretiza pelos atos voltados ao seu objeto de indagação (COLTRO, 2000, p. 39-40).

Entender a intencionalidade do observador e, dada a situação, aproximar-se ou distanciar-se dela ao identificar, mensurar e comunicar as informações, auxiliará o contador em sua agência. Pois compreender o que um elemento significa para aquele determinado contexto é extremamente necessário para exercer suas atividades com maior precisão.

É inegável que a Contabilidade é uma ferramenta muito útil para a gestão do patrimônio, mas ela por si mesma não é capaz de efetuar tal feito, é necessária uma força que a coloque em prática, tal força pode ser identificada como o contador, um ser humano. Portanto, por mais que a contabilidade em seja completa em si, ao exercer sua função ela necessita de ferramentas auxiliares, como a linguagem, a comunicação, assim também a fenomenologia. Portanto, assim como as demais ferramentas, a fenomenologia auxilia o contador a exercer a Contabilidade, e não necessariamente dá suporte para a Ciência Contábil.

2.5. CONTABILIDADE E A FENOMENOLOGIA

Michel Henry em sua obra *A Barbárie* elucida a ideia de que a responsabilidade do significado de um objeto observado é atribuída ao observador. Segundo o autor, na ação de observar, existe uma intencionalidade, e essa pode induzir à interpretação. “Não há na natureza número ou cálculo, adição ou subtração, reta ou curva: trata-se de significações ideias que encontram sua origem absoluta na consciência que as cria” (Henry, 2012, p. 29). Logo, traçar um paralelo entre Contabilidade e a Fenomenologia torna-se factível, já que a primeira tem como papel observar, entender e comunicar informações de caráter econômico-financeiro, e a segunda tem como atribuição auxiliar na compreensão, mensuração e comunicação dos fatos.

Com essa concepção, o autor critica a intromissão excessiva da ciência na vida, pois essa mesma ciência, que tem como objetivo servir e auxiliar a humanidade, acaba por reduzir a vida a meros fenômenos físicos. Em um contexto entre dois amantes, por exemplo, ele

menciona: “O beijo que trocam dois amantes não passa de um bombardeio de partículas microfísicas.” (Henry, 2012, p. 15). Por fim, ele questiona: a ciência colocou de lado a sensação? Concluindo que sim, já que ela tende a reduzir tudo a uma explicação lógica, porém livre de sensação e sentimento.

É a superfície que é colorida, a muralha que é ameaçadora, a encruzilhada deserta e mergulhada na sombra que se torna suspeita. A ilusão consiste então em tomar essas propriedades por determinações mundanas, de confiá-las à exterioridade como se pudessem ao encontrar seu verdadeiro lugar e sua essência, nela crescer e dela se alimentar, ser, enfim, enquanto “exteriores”. Como se pudesse haver “cor”, “ameaça” ou “suspeita” sem que essa cor fosse sentida ou essa ameaça experimentada, e como se se a superfície, a encruzilhada ou a muralha pudessem sentir ou experimentar o que quer que seja. (HENRY, 2012, pp. 72-73).

Não é nos objetos, ou seja, não é no mundo que as determinações mundanas residem, mas sim onde aquela coisa, o objeto, pode ser experimentado ou sentido: naquilo que também se experimenta e se sente a si mesmo, a fim de que possa experimentar e sentir o que quer que seja. Logo, a busca da ciência em restringir a vida a um espectro de ideias e abstrações físico-matemáticas é resultado do pensamento de que as propriedades do mundo estão na natureza e não no indivíduo (HENRY, 2012).

A partir da ideia de que a Contabilidade tem como objetivo identificar, mensurar e comunicar as informações pertinentes a ela, e que ela o faz por meio de um indivíduo, o contador, e este influencia direta e indiretamente o processo contábil, é possível concluir que o que este indivíduo sente e experimenta é refletido nas práticas contábeis, já que o significado das coisas só vem através de uma observação e esta depende do indivíduo.

Para evidenciar os diferentes tipos de saber, imagine a seguinte situação: um estudante de biologia está ocupado em ler um livro sobre genética. Sua leitura é a repetição, por meio de pensamento, consciência, dos complexos processos genéticos contidos no livro, ou seja, expressos por caracteres impressos. Porém, enquanto ele lê, e para que seja possível a sua leitura, ele vira as páginas do livro com as mãos, move seus olhos, a fim de percorrer com o olhar, uma após a outra, as linhas do texto. O saber contido no livro de biologia é o saber científico. A leitura do livro é a aplicação do saber da consciência, ou seja, perceber as palavras no papel e relacioná-las a seus significados para compreender a ideia que o livro traz à tona, ou seja, o saber científico. Por fim, nada disso seria possível se ele não movimentasse as mãos e os olhos, pois este é o saber da vida. Portanto, não é o saber científico que lhe permite adquirir o conhecimento contido no livro, mas sim o saber da consciência, juntamente do saber da vida (HENRY, 2012).

Por fim, é possível afirmar que, para que o conhecimento, a informação contábil, possa ser identificada, mensurada e comunicada, é necessária a utilização desses três saberes. O saber científico para entender a natureza da operação, o saber da consciência para entender e assimilar a informação e o saber da vida para comunicá-la de maneira eficiente. Portanto, restringir a função do contador somente ao conhecimento científico, seria abdicar de uma comunicação eficiente para com o tomador de decisão.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a elaboração da base teórica deste artigo é utilizada a pesquisa bibliográfica. Segundo Cervo e Bervian (1983) ela procura explicar um problema partindo das teorias que existem sobre aquele determinado assunto. O seu intuito é recolher informações e conhecimentos prévios sobre um problema para o qual se procura uma resposta, ou para uma

hipótese que se quer experimentar. Tal método é utilizado para fins de análise entre o resultado da pesquisa de campo realizada e com o que se tem escrito sobre aquele assunto, comparando o resultado obtido contra o que existe escrito e publicado sobre o tema.

Para a pesquisa de campo, foi utilizada a pesquisa qualitativa. De acordo com Strauss e Corbin (2008) a pesquisa qualitativa produz dados que não podem ser analisados através de procedimentos estatísticos, pois seus dados não são quantitativos, logo que se trata de experiências, comportamentos, emoções e sentimentos vividos pelos entrevistados. Este método é utilizado para recolher as experiências dos entrevistados para fins de análise subjetiva sobre o comportamento deles. Tal pesquisa é aplicada com dois contadores com experiências profissionais e de vida diferentes, com a intenção de trazer à tona a individualidade de cada entrevistado.

As perguntas do roteiro de entrevista foram elaboradas com base nos autores da fundamentação teórica, onde tinha como intenção verificar a realidade dos entrevistados com a teoria levantada pelos escritores. Foi realizada uma entrevista com dois profissionais da área contábil utilizando-se do roteiro previamente elaborado. Ambos os entrevistados trabalham atualmente na mesma empresa do segmento de educação.

4. ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro entrevistado, referido como **entrevistado A**, possui quatro anos de experiência na área contábil, formou-se em 2021 e não detém outras experiências profissionais, possuindo somente a experiência na área contábil até o momento. Já o segundo entrevistado, referido como **entrevistado B**, possui dez anos de experiência na área contábil, formou-se em 2019 e possui outras experiências profissionais, sendo elas: quatro anos em administração e três anos e seis meses em designer/fotógrafo.

4.1 TEORIA DA MENSURAÇÃO

A respeito da definição de mensuração sob o olhar contábil foi questionado com a intenção de obter a perspectiva profissional dos entrevistados sobre esse conceito, visto que é de grande importância o ato de mensurar para a contabilidade.

De acordo com o **entrevistado A**, “eu entendo que é colocar uma medida contábil, esse bem possui um valor, mas quanto ele vale contabilmente? É necessário fazer uma mensuração correta para ter a posição correta dos bens e dívidas da empresa”. Segundo o **entrevistado B**, “É importante fazer essa verificação de saldos e de valores, para saber se algo está positivo ou negativo, para saber se aquele fato é uma despesa ou um investimento onde agregará financeiro”. Os conceitos de ambos os entrevistados se encontram em harmonia com o que Almeida & El Hajj (1997) citam sobre a função da mensuração. Segundo eles a mensuração é atribuir à um fato valores monetários, sendo está atividade de extrema importância dentro das organizações.

Sobre o ato de mensurar foi questionado sobre a impressão de veracidade irrefutável que os números carregam por estarem diretamente ligados à matemática, pelo fato desta ser exata, logo a mensuração, por ter seu retorno em números, também seria exata.

“Apesar de possuir cálculos a mensuração também tem uma parte subjetiva, por exemplo as contas do ativo intangível, que não é possível definir um valor exato. Existe uma parte subjetiva na mensuração” (**Entrevistado A**). “Mesmo baseando-se em cálculos, a mensuração vai carregar a opinião da pessoa que está mensurando, porque existe subjetividade, vai depender de contador para contador. Existe um cálculo, existe uma lógica, mas por trás disso ainda existe o peso do ser humano” (**Entrevistado B**). Ambos os entrevistados possuem

a percepção de que mensurar é um processo lógico e matemático que possui seu retorno em forma de números, mas ambos também destacam a inegável presença da subjetividade de quem mensura, por de traz destes números. Essa percepção se encontra em consonância com o conceito dos autores Almeida & Hajj (1997) quando definem que a mensuração é sujeita à variação de acordo com quem a executa e a observa.

4.2 INFORMAÇÃO CONTÁBIL

A respeito das características qualitativas de uma informação contábil foi questionado com a intenção de obter a visão do profissional sobre o que define uma informação como contábil ou não contábil.

Entender o cenário que a empresa está inserida. A informação: “vai chover amanhã”, a princípio não é contábil. Mas considerando que a empresa seja de construção, portanto tem partes da obra que não é possível fazer com chuva, mas ainda assim terá que pagar o funcionário e mudar prazo, logo alterando o custo. A informação contábil tem que agregar algum fato a contabilidade **(Entrevistado A)**.

O contador tem que estar ciente do mercado onde está inserido e não apenas a contabilidade. É necessário ter a visão do todo, não apenas do lançamento contábil. Todas as informações são uteis, desde que ele entenda a informação saiba comunicá-la **(Entrevistado B)**.

De acordo com os entrevistados, para que uma informação possa ser considerada útil e, portanto, de teor contábil, deve se levar em conta o contexto em que a empresa está inserida, o mercado onde ela atua. Desde que o contador saiba entendê-la, aplicá-la ao cenário em que a empresa está inserida e comunicá-la a quem possa interessar, esta informação será contábil. Logo, a visão de informação contábil de ambos se encontra de acordo com Messias & Walter (2018), quando mencionam que a contabilidade só cumpre seu papel quando ela identifica as informações úteis para a entidade e as comunica.

4.3 TEORIA DA COMUNICAÇÃO

Sobre o processo comunicativo, mais precisamente sobre os canais de comunicação, foi questionado aos entrevistados quais dos canais que fazem uso julgam ser o de maior eficiência no processo contábil.

Uso praticamente quatro canais: Whatsapp, Microsoft Teams, Email e ligações telefônicas de modo geral. O mais eficiente é a ligação, o contato social. Apesar das várias ferramentas existentes para comunicação dentro da contabilidade, o mais eficiente é uma conversa direta presente se possível for ou por ligação **(Entrevistado A)**.

Existem vários meios de comunicação no trabalho, mas nada é melhor do que uma conversa, mesmo quando as orientações já foram passadas por outros canais, porque cada pessoa possui uma interpretação diferente. O e-mail, às vezes, pode ser interpretado de uma forma diferente. Existem vários meios que são usados, mas o mais importante é a conversa **(Entrevistado B)**.

É evidente nas respostas de ambos a existência de diversos canais de comunicação disponíveis para o exercício da função contábil. Eles também fazem destaque do canal de comunicação direta, quando se utiliza de canais que envolvam uma comunicação verbal falada e, quando possível, uma comunicação presencial. Afirmam isso por acreditarem que este é o canal que está menos sujeito a problemas de interpretação da mensagem transmitida. A visão dos entrevistados vai de entendimento com Dias (2000) quando expõe sua ideia de que a

comunicação na contabilidade deve evitar ao máximo problemas com interpretação da mensagem por parte do receptor.

A respeito da confirmação do entendimento da mensagem por parte do receptor, ou seja, pelo *feedback* do receptor foi questionado aos entrevistados sobre a existência e o funcionamento deste.

É esperada uma confirmação verbal, a manifestação de alguma dúvida ou necessidade de outra explicação. Porém a real confirmação vem quando é tomada alguma decisão sobre aquele assunto, mesmo que não seja nenhuma das soluções propostas, já que é notório que aquele relatório proposto foi levado em conta para essa decisão **(Entrevistado A)**.

A confirmação de que o gestor entendeu é percebida através dos atos dele. Nem sempre o tomador de decisão vai seguir orientações sugeridas, ele pode seguir por outro caminho, mas é perceptível que esse caminho foi traçado baseando-se naquilo que foi passado **(Entrevistado B)**.

É notório que ambos os entrevistados possuem a percepção de que a tomada de decisão do gestor é uma das formas de *feedback* na comunicação entre o contador e o tomador de decisão, assim como para o entrevistado A é considerado como *feedback* a comunicação verbal de alguma dúvida ou esclarecimento. Portanto, a experiência reflete a representação gráfica da comunicação, baseada na definição do processo comunicativo contábil de Nakagawa & Dias (2001), onde se tem como uma das formas de *feedback* a tomada de decisão.

4.4 FENOMENOLOGIA

Sobre a influência da experiência de vida na atividade profissional foi questionado aos entrevistados sobre a perspectiva deles sobre tal influência, sobre a existência dela e sobre as consequências de sua existência.

De acordo com o **entrevistado A**, “apesar de haver muito cálculo ainda existe uma grande parcela de subjetividade. Algumas coisas mudam de forma quando observadas por pessoas de bagagens de vida diferente”.

A experiência, a maturidade profissional, influenciam completamente as decisões, a forma de trabalhar e a forma de agir. A pessoa pode ser a pessoa mais inteligente do mundo, mas se ela não tem a experiência, se ela não tem maturidade, vai chegar um momento em que a pessoa vai possuir dificuldades. Sua experiência conta muito **(Entrevistado B)**.

É nítido para ambos que a experiência de vida, podendo também ser chamada de bagagem de vida, é de grande importância para o desempenho da atividade profissional, dependendo da bagagem do profissional a forma com a qual ele observa um objeto pode ser alterada, assim como a sua reação à algum fato. Tal perspectiva dos entrevistados está em harmonia com o conceito que Coltro (2000) traz, segundo ele a experiência vivida reflete na consciência do indivíduo, ou seja, influenciando em suas decisões e ações.

A respeito da influência das crenças e valores pessoais de um profissional foi questionado aos entrevistados sobre a influência destas no desempenho profissional do indivíduo.

As crenças e valores tem papel muito importante naquilo que o indivíduo é, uma vez que a contabilidade é feita por indivíduos, as crenças e os valores daquele individuo fazem uma grande diferença na forma que aquele trabalho é executado **(Entrevistado A)**.

Os valores que a pessoa carrega é de extrema importância, porque isso faz parte do caráter da pessoa, e o caráter não pode ser escondido, a pessoa é aquilo que é. Dificilmente uma pessoa com um caráter ruim, que não é ética, vai alcançar grandes cargos em uma empresa. O caráter é a base de todo profissional **(Entrevistado B)**.

É nítido que tanto para o entrevistado A, quanto para o entrevistado B que os valores são de grande importância e influência para o desempenho profissional. A visão de ambos está em concordância com o que Fuji e Slomski (2003) quando afirmam que tais atividades estão sujeitas a subjetividade humana, ou seja, a cultura das partes envolvidas, sendo assim as crenças e valores possuem influência na atividade profissional.

Em relação à compressão do comunicador ou do receptor da mensagem foi questionado aos entrevistados sobre a sua relevância e quais as influências de se compreender o comunicador ou receptor durante o processo organizacional.

Não se pode esperar que duas pessoas tenham a mesma experiência de vida ou o mesmo conhecimento, apesar de exercerem cargos parecidos. Entender para quem está recebendo a informação e entender quem está passando as orientações faz com que haja uma adequação melhor ao processo e comunicação e por consequência ao entendimento da informação **(Entrevistado A)**.

Cada um tem um perfil, de falar, de conversar, de receber as informações. A comunicação tem que ser baseada no conhecimento de perfil de cada pessoa. Cada pessoa é diferente. É importante ter conhecimento para ter uma comunicação mais clara e poder ser compreendido por estas pessoas **(Entrevistado B)**.

Ambos os entrevistados enxergam a importância da compreensão do indivíduo envolvido no processo comunicativo, além disso também levantam o ponto da individualidade de cada ser, afirmando que cada pessoa é diferente e, portanto, cada pessoa assimila o conhecimento de maneiras diferentes, suportando ainda mais a ideia da necessidade da compreensão do indivíduo durante o processo comunicativo. Tal percepção de ambos vai de acordo com o pensamento de Carvalho & Nakagawa (2000) quando mencionam que o indivíduo é parte relevante e inerente para as organizações e, portanto, para a contabilidade, sendo assim necessário compreendê-lo para ser possível fazer bom uso da função contábil.

4.5 CONTABILIDADE E A FENOMENOLOGIA

Sobre a comunicação da mesma informação contábil, mas realizada por indivíduos diferentes, foi questionado aos entrevistados a respeito da existência de diferenças substanciais no processo comunicativo desta informação.

Se eu estou mostrando um relatório para o meu gestor, eu olho esse relatório e penso que é importante eu ressaltar determinados pontos, e estes podem induzir o meu gestor a tomar determinadas decisões. Existe uma diferença quando duas pessoas apresentam o mesmo relatório porque cada uma tem um ponto de vista diferente **(Entrevistado A)**.

A informação não vai mudar, mas a compreensão sim, ela vai mudar. Cada indivíduo vai ressaltar alguns pontos mais importantes conforme a própria visão. A experiência que cada um tem é diferente. Muda a forma de compreender e aceitação também **(Entrevistado B)**.

As respostas deixam claro que ambos os entrevistados ressaltam o ponto de vista do indivíduo como variável no processo comunicativo, que a informação em si não muda, mas os enfoques dela mudam de acordo com a ótica do comunicador, pois este possui uma visão e um julgamento sobre aquela informação. A percepção dos entrevistados vai de harmonia com a

visão de Henry (2012) quando este elucida a informação é um objeto, e o observador desta possui o papel de atribuir significado a esta informação, e este processo é influenciado pelo observador, baseado em sua individualidade.

A respeito da comunicação de uma informação, foi questionado aos entrevistados se este conhecimento sobre comunicação é um dos conhecimentos intrínsecos à contabilidade ou se este é um conhecimento que depende do indivíduo.

Segundo o **entrevistado A**, “depende mais do indivíduo”. O **entrevistado B** responde da seguinte forma: “isso vai de perfil de cada pessoa, normalmente os contadores são voltados para os números, e não para a comunicação. Mas é importante ter essa comunicação”. Ambos os entrevistados possuem a percepção de que a contabilidade por si só não é suficiente para sozinha realizar uma comunicação eficaz e que é necessário a intervenção do indivíduo para dar suporte nessa função. Essa percepção de ambos vai de concordância com o exemplo que o autor Henry (2012) menciona quando elucida os tipos de saberes, o saber contábil é um saber científico, já a comunicação é um saber da vida, sendo este inerente ao indivíduo e não sofrendo interferência da contabilidade. Logo, é de caráter essencial para o indivíduo desenvolver a habilidade comunicativa para melhor desempenhar sua função como contador.

Em relação a prática da contabilidade foi questionado aos entrevistados a respeito da presença do entendimento do receptor da informação, na forma como ele entende e processa as informações, por parte do comunicador, e se tal fato possui influência no processo contábil.

Existem diferentes tipos de receptores. Quando o receptor é um contador e a função dele é fazer determinados lançamentos contábeis, é necessário que a informação passada para ele seja compreendida corretamente, para que ele possa executar da melhor maneira. Quando o receptor é um gestor, para que ele possa interpretar e executar conforme a informação que está sendo passada, não basta apenas apresentá-la, também é necessária uma interpretação da informação para ele, como se uma tradução, para que a informação possa ser mais completa o possível (**Entrevistado A**).

Se o receptor é um contador, que entende aquilo que está sendo comunicado, a comunicação pode ser feita de forma mais objetiva. Agora para um gestor não, é necessária uma tradução, é necessário ser mais maleável na forma de comunicar (**Entrevistado B**).

É notório que para ambos os entrevistados a percepção do indivíduo receptor da mensagem, tal qual seus conhecimentos e limitações a respeito da informação comunicada é de grande importância para o processo contábil, já que o um dos papéis da contabilidade é comunicar as informações inerentes ao processo contábil. Tal perspectiva dos entrevistados caminha em harmonia com a visão de Henry (2012) onde ele evidencia que a ciência por si só não é suficiente para que ela cumpra o seu papel, e que há necessidade da percepção humana para que esta seja cumprida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste artigo verificou-se que existe atrelada à contabilidade a necessidade de comunicação de boa qualidade, já que uma das funções da contabilidade é a comunicação dos fatos econômico-financeiros. Esta só é capaz de cumprir sua função quando há compreensão pela parte do receptor a respeito da informação recebida. Portanto, levantou-se o questionamento de quais são os efeitos de uma comunicação qualificada, acessível e humana entre o contador e o gestor, tomador de decisão.

Este artigo teve como propósito identificar o efeito de uma boa relação comunicativa entre contador e gestor partindo da ótica do contador, partindo da teoria de Michel Henry, a fenomenologia da vida. Para que este objetivo fosse alcançado realizou-se duas entrevistas com base na fundamentação teórica, com dois profissionais contábeis atualmente alocados no mercado, com intuito de verificar a teoria com a prática, além de agregar valor à pesquisa. Após a verificação dos conceitos teóricos juntamente da prática, verificou-se que, este objetivo proposto foi atendido.

A existência de uma boa comunicação, a qualidade boa está atrelada com a compreensão da mensagem pelo receptor de maneira livre de dúvidas, é algo inerente a qualquer relação que exista nela comunicação. Na contabilidade não seria diferente. Pelo fato do saber contábil ser de caráter técnico, a sua compreensão depende do conhecimento técnico. A necessidade do conhecimento técnico pode ser considerada como uma barreira que dificulta a compreensão das informações. Assim, o contador possui a função de realizar a comunicação de sua mensagem de forma que minimize esta barreira para facilitar o entendimento do receptor da mensagem.

A forma de minimizar esta barreira no processo comunicativo que esta pesquisa propõe é fundamentada na compreensão do outro indivíduo (receptor da mensagem) por um olhar fenomenológico baseado na filosofia de Michel Henry. Após verificar se esta abordagem era factível e eficaz, constatou-se que sim. A compreensão a respeito do receptor da mensagem, e de como ele assimila o conhecimento e quais são as melhores abordagens para ele, provou-se essencial para um bom funcionamento do processo contábil. Já que para a contabilidade atender as necessidades organizacionais ela precisa compreendê-las e adaptar-se para melhor atendê-las. Portanto constatou-se que o efeito de uma comunicação qualificada, acessível e humana na relação entre contador e tomador de decisão é a eficácia do processo comunicativo, minimizando as dúvidas e incrementando a velocidade da compreensão da informação por parte do receptor.

Para futuras pesquisas sugere-se uma abordagem com os receptores da mensagem, ou seja, verificar qual a visão do tomador de decisão em relação a esse processo comunicativo e sua abordagem, uma abordagem em escritórios de contabilidade onde há uma vasta carteira de clientes, verificando se esta abordagem se provasse eficaz em tal ambiente e, uma aproximação com campos mais específicos dentro da área contábil, como a auditoria por exemplo, com o mesmo intuito de analisar se esta aproximação é também eficaz neste ambiente.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. G. M., & El Hajj, Z. S.** (1997). Mensuração e Avaliação do Ativo: uma revisão conceitual e uma abordagem do Goodwill e do ativo intelectual. *Caderno de Estudos*, (16), 01-16. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1413-92511997000300005>
- Carvalho, A. M. R., Nakagawa, M.** (2001). Um olhar fenomenológico sobre a "res" da logística contábil na identificação dos custos. *VIII Congresso Brasileiro de Custos – São Leopoldo, RS, Brasil*, 3 a 5 de outubro, recuperado de <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/2892/2892>
- Cervo, A. L., Bervian, P. A.**, (1983). *Metodologia Científica*. 3.^a ed. São Paulo: McGraw-Hill.
- Coelho, C. U. F.; Lins, L. S.** (2010). *Teoria da Contabilidade: abordagem contextual, histórica e gerencial*. São Paulo: Atlas.
- Coltro, A.** (2000). A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisas em Administração*. 1(jan./mar. 2000), 37-45, recuperado de http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/fenomenologia_modernidade.pdf

- Dias F., J.** (2000). A linguagem utilizada na evidenciação contábil: uma análise de sua compreensibilidade à luz da teoria da comunicação. *Caderno De Estudos*, (24), 38-49. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1413-92512000000200003>
- Dias F., J., & Nakagawa, M.** (2001). Análise do processo da comunicação contábil: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. *Revista Contabilidade & Finanças*, 12(26), 42-57, recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1519-70772001000200003>
- Fuji, A. H., Slomski, V.** (2003). Subjetivismo responsável: necessidade ou ousadia no estudo da contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*. 14(33), 33-44, recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1519-70772003000300003>
- Hendriksen, E. S., Van Breda, M. F.** (2010). *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas.
- Henry, M.** (2012). *A Barbárie*. São Paulo: É Realizações.
- Iudícibus, S.** (2015). *Teoria da Contabilidade*. 11.^a ed. São Paulo, Atlas.
- Japiassú, H., Marcondes, D.** (2001). *Dicionário básico de filosofia*. 3.^a ed. Rio de Janeiro, Zahar.
- Martins, O. S., Araújo, A., Niyama, J.** (2011). Uma Discussão Conceitual E Contemporânea Sobre a Teoria Da Mensuração E Sua Relação Com a Contabilidade (A Conceptual and Contemporary Discussion on the Measurement Theory and Its Relationship with Accounting). *Administração: Ensino e Pesquisa*, 12(3), pp. 501-528, recuperado de <https://ssrn.com/abstract=2308178>
- Matos, G.G.** (2009). *Comunicação empresarial sem complicação: como facilitar a comunicação na empresa, pela via da cultura e do diálogo*. 2.^a ed. Barueri, SP, Manole.
- Meira, V. P.** (2014). A barbárie na cultura da modernidade, sua banalização na sociedade e consequente perda dos significantes. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 2., p.318-326. Recuperado de <http://www.anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/236/205>
- Messias, D., & Walter, S. A.** (2018). O processo de comunicação contábil no setor público: percepção dos contadores sobre universidades federais. *Revista ambiente contábil - Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte - ISSN 2176-9036*, 10(1), 37-53. Recuperado de <https://doi.org/10.21680/2176-9036.2018v10n1ID10869>
- Nakagawa, M., & Dias F. J.** (2012). A Contabilidade sob o enfoque sociológico: uma abordagem das teorias semióticas e da comunicação. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, (5), 13-22. Recuperado de <https://doi.org/10.22287/ag.v0i5.109>
- Sá, A. L.** (2010). *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas.
- Strauss, A., Corbin., J.** (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2.^a ed. Porto Alegre: Artmed.